

4 de Março  
de 1932

# reporteiri.

Semanário das grandes reportagens



**NESTE NÚMERO:** Um grande perigo ameaça Lisboa—História da Medicina—O mui misterio das grandes cidades em 1931—Grandes negócios e grandes tranqüibertas—

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e tantas outras drogas que lhe têm impingindo para pintar os cabelos. Mas não são mais do que um assalto à sua bolsa... Mostre que é inteligente

Veja o que os melhores cabeleireiros empregam nos seus magníficos trabalhos de pintura. Constatará que é só

# K O M O L

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa, e sem auxilio de ninguém restituir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**. E eles, ficam macios, soltos e brilhantes, ninguém conhecendo que foram pintados.

## CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Representante M. CABRAL—R. Camilo Castelo Branco, 20 Telefone N. 3831.— Depositário — FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 — Telefone 2.1415—Agente no Porto—A. QUADROS Jor.—R. de Traz, 7, 2.º—Telef. 87

**Fotogravura, Tricomia,  
Bieromia, Zincogravura  
e desenho**

Excutam-se com a maxima perfeição na

### FOTOGRAVURA NACIONAL L<sup>DA</sup>



Rua da Rosa, 273.  
LISBOA  
1 TELEF-209583

**Descontos especiais em  
gravuras para jornais e  
revistas.**

# H O T E L

# AMERICANO

# LISBOA

## Um grande hotel moderno

### Um estabelecimento modelo que satisfaz os mais exigentes clientes

considerar modelar, acabando assim com essa falta que nos envergonhava, construindo um excelente hotel, que à modicidade dos preços reúne a excelência dos serviços, satisfazendo, sem receio de confrontos, as pessoas mais exigentes.

Nos vários aposentos nada falta, sendo até de notar que tão confortáveis são os aposentos de luxo como os de menores preços—separadas as distâncias que inevitavelmente tem que existir.

E quando toda a gente poderia supôr que os preços seriam exagerados, surge-nos uma tabela que nos deixa incrédulos, pois é difícil conceber como com tão pouco dinheiro é possível servir tão primorosamente. Não se julgue que exageramos. Em parte alguma era possível tal milagre, que doutra forma não pode classificar o que o sr. Cecilio Fernandez conseguiu, o que lhe vale, sem favor, ter uma clientela que, pelo número e pela qualidade, é o melhor reclamo da sua casa.

Por isso, hoje, o Hotel Americano, o magnifico estabelecimento da rua 1.º de Dezembro, 73, reúne sempre o maior número de hóspedes dos hotéis de Lisboa, sendo também o preferido pelos comerciantes e mais pessoas da provincia que tendo negócios a tratar na capital, exigem um estabelecimento socegado, confortável em todas as suas categorias, onde o acao e a limpeza permanente são dogmas intangíveis, e onde os preços, nos tempos difíceis de carestia que vamos atravessando, são absolutamente compatíveis com todos os orçamentos.

Educado pelo dono e gerente do modelar estabelecimento, todo o pessoal do «Hotel Americano», solícito, amável, atencioso, auxilia a demarcar a boa impressão que em todos deixa o magnifico estabelecimento da rua 1.º de Dezembro, obrigando aqueles que uma vez o frequentaram a nunca mais preferirem outro.

**N**ÃO há turismo, não há intercâmbio artístico ou cultural, em qualquer país do mundo, sem que haja bons e confortáveis hotéis. Quem é o sábio, qual é o artista desses grandes países, habituados ao requintado conforto, que se dispõe a visitar outra nação, quando de antemão já lhe foi dito que não pode dispôr de bons alojamentos?

E como se poderá fazer turismo se as pessoas que o praticam, dispostas a gastar dinheiro—mas sabendo-o gastar—não ignoram que não tem onde se alojar?

A estas perguntas respondeu magnificamente o sr. Cecilio Fernandez, instalando em prédio próprio, na rua 1.º de Dezembro, n.º 73, um estabelecimento que no género se pode

# Homens & Factos do Dia

## O individuo, a familia e o amor livre

**U**M dos ran-tan-tans mais frequentes da propaganda rotulada de nacionalista (sob o exclusivismo de uma só bússola Social, como se não fôsse possível abraçar-se o nacionalismo orientado por outro ideal) é o de sobrepôr a familia ao individuo, como ponto de partida para uma sociedade perfeita. Ainda ha poucos dias, um dos defensores do nacionalismo dogmatico protestava contra o comentario dum jornal da provincia que tinha insinuado que a formula nationalistica nascera do integralismo. Dizia o articulista em questão: «Póde ser-se republicano e nacionalista!» Já se vê que póde—mas para que essa composição dê certa, é indispensavel que a simultaneidade não seja uma amálgama de principios contraditorios. Se uns ou outros retirarem apenas da essencia dos ideais nacionalistas os elementos que convenham a jonglerie dos seus ideais politicos, desprezando os que negam êsses mesmos ideais—serão bons politicos ou bons sociologos—mas serão maus nacionalistas. Ora precisamente dos dois campos—aquêlê que mais deforma o nacionalismo—o nacionalismo racional, lógico, util, o verdadeiro, o unico que merece ser atendido—foi o dos conservadores da direita...

Se os integralistas se preocupam tanto em começar a montagem do seu dinamo com a peça familia não é porque seja essa a fórmula mais exata do nacionalismo—mas sim porque é essa a que mais convêm aos seus principios religiosos e politicos. Sem a organização da familia, à sua maneira, sem a familia obrigatoria que ofereça material suficiente e sensível à influencia de Igreja, através da mulher—a esposa, a mãe—disciplinada e medrosa e, por sua vez, disciplinadora e influente sobre a consciéncia do esposo e dos filhos, através dos conselhos e as ameaças de perigos extra-terrestres—o império moral da Igreja, apoio maximo das suas teorias, perderia a sua força mais subtil mas que é também a mais decisiva. Sem a organização da familia, pelo seu modelo, a ficção social de uma monarchia absoluta não podia nem poderá nunca resistir à rajada dos ideais opostos.

A fórmula de nivelar o individuo a zero e oferecer à familia o maximo valor de composição—póde entontecer um espirito já predisposto—mas não impressiona sequer um cerebro que examina êstes assuntos sem paixão

nem nervosismo. Mesmo admitindo que a familia é a peça essencial de um estado—desprezar o individuo, negar-lhe todos os direitos é uma tirania e um contrasenso. Tirania porque se nega ao ho.nem o direito do isolamento—e o isolamento não póe ser considerado um crime anti-social, mas apenas uma satisfação legitima dos temperamentos que já encontram ventura na solidão. Contrasenso—porque sem o individuo—não era possível constituir-se a familia, que é um agrupamento de individuos, sendo êste melhor ou pior conforme a qualidade moral dos individuos que a compõem, o que prova que êle ou êles—individuos—merecem uma atenção muito mais generosa do que aquela que os integralistas lhe querem dedicar.

Outra razão explica esta teoria anti-individualista: é a de se afirmar que os adversarios, por amoralidade, maus costumes ou fanatismo, preferem à santa vida do lar—a orgia permanente, o lupanar, os vícios e a corrupção mais nauseabunda—e daí a furia com que combatem o dogma da familia... Dêste aspecto da questão podiam fisear vastos comentarios—mas basta evocar esta verdade indiscutivel: os mais apaixonados adversarios do integralismo, desde que militam no campo visinho aos que o ameaçam no horizonte oriental, são os mais sóbrios e os mais honrados exemplos de chefe de familia que se conhecem de Zolá a Lenine, raras são as exceções a esta regra. Lenine foi um esposo modelar. Não se póde contrapôr outro caso de amor calmo, sereno, puro, nobre, elevado, mais eloquente do que êste—sem que, contudo, se baseasse nas regras dogmaticas da familia-celula—ou da familia-cela que é, muitas vezes, precisamente por ser imposto e não fruto legitimo das almas, ou uma hipocrisia miseravel ou uma escravidão cruel!

(Conclúe na pag. 15)



# reporter

O SEMANARIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSAÇÃO NACIONAIS E ESTRANGEIROS—

Sai às sextas-feiras e é posto à venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE G. CAL

Director e editor  
**REINALDO FERREIRA**  
(REPORTER X)

Chefe da Redacção  
**COSTA JÚNIOR**

Redacção, Administração e Publicidade  
Rua do Loreto, 42-1.º - TEL. 28249 - LISBOA  
End. Teleg. : 1 REPORTERX - LISBOA

Composição e Impressão

Tipografia das Publicações **aoe**

Porto - Canelel Velha, 39

PREÇO DE ASSINATURAS

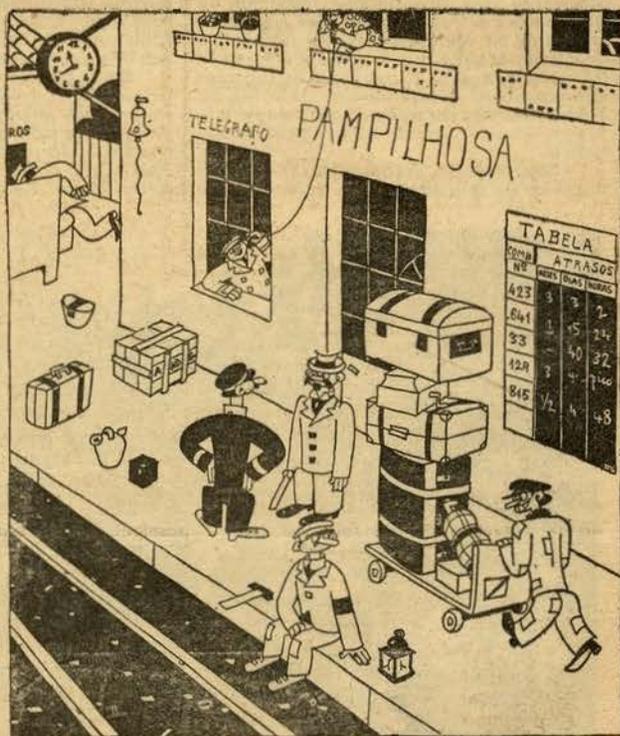
3 meses—serie de 12 numeros—Esc. 11\$50

6 » » » 25 » —Esc. 22\$50

12 » » » 52 » —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO



—A que horas chega o comboio de Lisboa? ...  
—Conforme... A primeira carruagem às 7 horas e a ultima às 7 horas e 40 minutos...

O preço dos pontapés...

## A bola, os dirigentes e os jogadores

**A**S revelações que fizemos sobre o negócio de «foot-ball» em Portugal surpreenderam mais pela nossa coragem moral, tão escassa nos tempos que decorrem em certos sectores, do que

pela novidade que desfolharam. Os casos narrados por nós eram conhecidíssimos, nos bastidores, há muito que a intriga clubista os desbobinava, desde há tempos que a gilhotina do comentário os cortava, mas não existia a ombridade necessária antes o receio de que ralhando as comadres se descobrissem as verdades, para se bisturiarem esses podres ignorados por milhares de pessoas, que num delírio de fogo e de entusiasmo todos os domingos despejam para os «guichets» dos campos de «foot-ball» milhares de escudos, para manter um profissionalismo enfermado de amadorismo...

As mazelas refugiavam-se na derme e não vinham à supuração porque os valores se entendiam, as ignárias saciavam muitas gulas e as culpas no cartório eram e são vastas. Mas quem deveria proceder à desinfeção? Os críticos desportivos, visto que a sua missão não se pode limitar aos relatos apaixonados dos encontros. Tem de ir mais longe, e tão distante a sua posição deve ser ocupada que não é crime, para uma função de independência crítica, haver qualquer aproximação com clubes ou jogadores. Mas como poderia ser desempenhada essa missão, se alguns desses críticos que felizmente no jornalismo só fazem noticiar o desportivo—tem sido directores dos organismos máximos do «foot-ball» e seleccionadores das «equipas» nacionais ou têm relações de amizade e de cavalheirismo com a gente do esférico? Os críticos, nossos camaradas de imprensa, que vivem afastados das gajarias da bola, esses são em numero diminuto e não podem exceder-se na sua missão jornalística.

«Reporter X», desempenhando na imprensa uma função distinta, independente

**A coragem moral das nossas atitudes—A teia dos interesses envolvendo certa crítica—Uma visita mal humorada—Os faunos rodeando-nos a porta—Os senhores ditadores da bola «off-sid»—Em 1925 já havia profissionalismo—Uns lírios roxos para os negociantes do «foot-ball»**

de todas as cabalas futebolísticas, veio a público com os escândalos, não deixará de mãos o assunto, porque tem o dever de dissecar esse corpo pela mesma razão que enfrenta outros, sem receio dos ataques de hidrofobia. Há muito que dizer, o sóro a aplicar não será de uma eficácia retumbante, mas imunizará muitos espíritos e isso nos basta. Não o fazemos para trepar ao plinto de Catão. Tenta-lo-emos simplesmente para não deixar incolume uma negociação feita com toda a aparência de seriedade.

## As primeiras recargas...

A crónica fugaz que fizemos há dias ao «amadorismo» de alguns jogadores de «foot-ball», pareceu a algumas pessoas conter todo o nosso dossier sobre os «players» portugueses, Paro engano. Mesmo dos visados há ainda muito a dizer. Temos vagar e disposição para o fazer. Iremos devagar, serenamente, com a paciência necessária até atingirmos as rédes, Preferimos fazer um jogo de passes curtos, metódico, bem combinado, a adoptarmos um jogo em profundidade. Este depende de maior esforço e havemos de chegar ao fim frescos como iniciamos a partida. Há ainda outros jogadores também muito bons «amadores». Teremos de falar do Porto, de Setubal e de outras terras dos jogadores e dos dirigentes.

Desta partitura de Wagner foi apenas executado o prelúdio. No entanto, o ruído foi grande, e alguns dos senhores dirigentes da bola preguiçantes assustados o que irá o «Reporter X» dizer, olham-nos com ódio e pavor não vá aparecer o que não convem. Estabeleceu-se já a intriga,

o nosso director é ameaçado como se ele receasse os gritinhos dos rapazes ou com esta idade ainda acreditasse que ha nos meios da bola antropofagos. E, entretanto dirigem os primeiros shoots á nossa redacção. Como nos tivéssemos aguentado com a braza houve recargas.

Anibal José, um rapaz «amador» de «football» aquele que gosta de saltitar de Setubal para Lisboa e que ainda há pouco tempo era treinador de um grupo do outro lado do Tejo pelo que recebia remuneração, ofendeu-se todo com as nossas referências e veio até à redacção do «Reporter X» pedir explicações e rugir ameaças com muitos r r r. O homem parecia disposto a fazer goal nesse mesmo dia e como não encontrasse o nosso director foi descobri-lo na «Casa da Imprensa», quando tratava de assuntos estranhos ao jornal. Anibal José, que não é tão mau como demonstra nos retângulos da bola, queria apenas saber quem assumia a responsabilidade do artigo. Obtida resposta se marchou, não sabemos se para o Victoria, de Setubal, se para o Sport Lisboa e Benfica...

## Mais provas do nosso amadorismo...

Enquanto a vozaria intentava ferir nos os timpanos só porque tivemos a coragem de mexer no negócio da bola, vinham até nós os melhores aplausos em cartas e declarações orais, confirmando tudo que escrevemos e fornecendo-nos até elementos novos. O nosso dossier vai-se avolumando e os dirigentes do nosso «football» cada vez se colocam mais «off-sid». Ent e o seu procedimento e o dos jogadores quasi que não existe confronto, visto estes serem um produto do meio que aqueles conseguem desenvolver. Aos dirigentes teremos de dedicar maior atenção, formando o nosso team de algarismos e rubricas para o encontro com o seu team de dialectica e argumentos. Os factos devem valer mais alguma coisa. Esperemos alguns dias,

Iremos, neste numero, atender a solicitude de um nosso amigo de Coimbra que em carta de aplauso ao artigo «o negocio do «foot-ball» em Portugal» nos pede para revelarmos a existencia de mais tres jogadores profissionais, que tem disputado o campeonato de amadores no nosso paiz.

Essa missiva, por ser edificante, merece a transcrição de algumas passagens. Prova esse documento que tinhamos razão escarpelizando o negocio de «foot-ball» e que a razão ainda nos assiste arquiado dirigentes e jogadores do escândalo. Observe o leitor que tem graça:

«José da Silva, aprendiz de sapateiro, conhecido pelo «sobriquet» do «José da Chiba», foi jogador aprendiz, em Tomar, sua terra natal, no Sporting Club de Tomar. Ali jogou bastante tempo e fez-se um jogador regular. Mas pouco tempo depois, isto em 1925 ou 1926, desenvolveram-se certas rivalidades entre o União Football Tomarense e o Sporting Club de Tomar que levaram este club a contratar os irmãos Ramos, de Lisboa, nessa altura os melhores jogadores portugueses, por 600 ou 800 escudos mensais. José da Silva reconhecendo a sua habilidade para a bola deixou de trabalhar, mandando para o diabo o tirapé e a pedra de bater sola, e passou a receber do Sporting quasi a



A Multidão de «desportistas» que mantem a vida regalada dos jogadores e empregarios...

(Conclue na pág. 13)

# Um português, na América, foi injustamente condenado a uma pena infamante

**Um movimento semelhante ao que salvou Pita Soares, tenta a libertação de José Luis Pinheiro**



José Luis Pinheiro

TANTAS vezes descritos por romancistas, os dramas sombrios da emigração, passados em países longínquos distantes da Pátria e da família, longe do lar e dos amigos, aumentando mais ainda a nostalgia da expatriação, são sempre mais pungentes, mais sombrios ainda do que os outros dramas em que os protagonistas têm junto de si, a suavizar-lhes as horas de amargura, o carinho duma irmã ou duma esposa, as lágrimas duma mãe.

Ontem foi o caso Pita Soares, aquele português que lá longe, na America onde tinha ido em busca da felicidade, numa hora negra da sua vida de emigrante, foi colhido no turbilhão da desgraça e atirado para a cadeira electrica, o mesmo é que dizer para os braços sempre acolhedores da morte — tantas vezes o último refugio do emigrante. Salvou-o a dedicação dos seus compatriotas — e hoje Pita Soares aguarda o regresso á vida no fundo dum presidio, que só a morte não deixaria lugar a esperanças...

Hoje, outro compatriota nosso, um operário honrado que da sua terra partiu confiado no futuro, abandonando tudo, a Pátria, os amigos, o país, para correr atrás duma miragem de felicidade antevista em sonhos, nessa mesma America, país lendário que num paradoxismo incompreensível conseguiu renome de país das grandes liberdades e das grandes injustiças — na America tudo é grande, tanto as virtudes como os crimes — aguarda no fundo sombrio duma masmórra que justiça lhe seja feita e que o sol fulgente da liberdade volte novamente a iluminar a estrada ampla, aberta, que sempre foi a sua vida.

Trata-se de José Luis Pinheiro, natural de Vila Franca de Xira, onde ainda vivem seus pais na Quinta da Mata, numa angústia permanente sobre o que será o futuro desse filho que cedendo ao anseio de aventura que está no sangue de todos os portugueses, numa hora triste, desejava de conquistar uma maior felicidade a que justamente se julgava com direito,

partiu confiante, entre as lágrimas de tristeza dos que ficavam e por entre os sorrisos de esperança dos que já antegosavam a hora feliz do regresso. Chegado á América, José Luis Pinheiro foi o que sempre tinha sido na sua Pátria — um trabalhador honrado, querido de todos aqueles que o conheciam, só pensando na hora do regresso, com uns patacos amealhados, com os quais, pensava ele, garantiria uma velhice sosegada aos pais que em Vila Franca aguardavam, ansiosamente, a hora em que nos braços pudessem apertar o filho ha tantos anos afastado da sua vista mas nunca do seu carinho — só receando que essa hora não chegasse nunca.

«Em cada vida, em cada hora há uma tragédia» — escreveu Galini, e é certo. José Luis Pinheiro tambem teve a sua hora; e está neste momento vivendo a sua tragédia. Um dia foi inopinadamente atacado e briosamente, como um português que se presa, honrando a sua ancestralidade, defendeu-se. Respondendo á agressão injustificada, José Luis Pinheiro agrediu tambem mas em legitima defesa. O seu contendor mordeu a terra não mais se levantando.

Estava morto. Tão certo estava o nosso compatriota que o seu crime não existia á face da moral e da consciência, e supondo que não existiria, tambem, á face dos codigos, José Luis Pinheiro entregou-se confiado nas mãos da justiça, aguardando serenamente o seu *verdictum*. Mas já lá vão cinco anos que passa encerrado na prisão de Newark. Longe da Pátria, expiando um crime cuja responsabilidade lhe não compete, o nosso compatriota tem bebido nestes cinco anos, até á ultima gota, o cálice da amargura sem que dele tenha tido, apesar da dedicação da colónia portuguesa do estado de Nova Iorque, aquela dedicação que só uma mãe pode dar, e a velhinha, no seu tugurio de Vila Franca, chora a triste sina daquele filho que tão desgraçado tem sido.

Os portugueses que formam a numerosa colónia do estado de Nova Iorque, tendo á frente o Consul do nosso país, Sr. Dr. Verdades Faria, tentaram a libertação de José Luis Pinheiro, esperançados em que justiça será feita, organisando um movimento semelhante aquele

(Conclue na pag. 13)

## Novos e largos horizontes para a Aviação

Vão ser em breve realizadas, em Inglaterra, as primeiras experiencias d'um novo invento que parecendo representar um regresso aos velhos sistemas, vem de fact) resolver um dos mais graves problemas da aviação.

Trata-se nada mais nada menos do que o emprego da máquina a vapor nos

Na nova «máquina a vapor» serão utilizados oleos pesados, cujo consumo será de tal maneira diminuto que permitirá com uma carga de peso e espaço idêntica áquella atualmente necessaria para pequenos vôos, manter-se no ar cerca de trinta dias sem a necessidade de reabastecimentos de agua ou oleo.



aviões de longo curso, em substituição dos vitrais motores de explosão.

A serem cooadas de exito estas experiencias, ficarão resolvidas as duas mais importantes dificuldades para o emprego do transporte aereo: — O custo da gasolina e o peso e espaço com que esta sobrecarrega a aeronave destinada a longos percursos.

O inventor afirma que a nova máquina desenvolverá 1 H. P. por cada lib. que tem de peso e poderá ascender a uma altitude superior a 10 milhas. As experiencias feitas no solo têm dado os melhores resultados.

Nada nos surpreenderá se em dia breve surgir a descoberta de navegação á velá... pelo ar.

# UM QUARTO DE HORA COM D. Marcelo Alvear, ex-(?)-presidente da Republica Argentina

**A**LTO, duma altura imponente sem gigantismo; um rosto claro, aberto, onde a energia, que é o «ex-libris» da sua vida, tracejou, em dois angulos faciais, todo o seu poderio—ao mesmo tempo que um otimismo nato, o otimismo dos saos e dos fortes, como uma luz que brilhasse na alma e se filtrasse, lhe suavisa qualquer possível—e legitima—dureza de expressão pondo-lhe um sorriso eterno e acolhedor nos labios, bem latinos, e nos olhos miudos e inquietos; uma calva espelhanete, quasi artificial, cercada por raros cabelos—que eu ainda conheci grizalhos—e que hoje, alvissimos, refulgentes, formam como que uma coroa de prata; muito mais americano do norte, muito mais «yankee» do que americano do sul, do que «gaúcho»—D. Marcel d'Alvear surge, ás onze e meia da manhã, entre portas do Salão de leitura do Avenida Palace...

D. Marcel d'Alvear pertence á elite política mundial, sendo, sem duvida, dentro dessa elite representativa dos Bruning, dos Briand, dos Wanderveld, dos Lord George, dos Alissandri, dos Venizelos—uma das figuras mais nobres pela aristocracia moral e intelectual de todos os seus actos e pela trajectoria gloriosa da sua carreira. Todas as republicas da America latina, apesar da sua democracia-spécimen—não dispensam,

**O que êle não disse e o que nós dizemos.—Fradique Mendes em Lisboa.—A mocidade de D. Marcelo Alvear.—A esposa portuguesa—do famoso politico americano.—Recordando o passado.—A organização politica da Argentina.—O povo, as influencias estrangeiras e a revolução.—Vencidos e vencedores.—O regresso á normalidade.—As reformas.—Quem será o futuro presidente.**

gloria nas lutas da independência; e mais tarde nessa obra modelar que tem sido a politica argentina.

Quando um Alvear evoca o seu amor á patria—ninguém duvida da sua sinceridade porque o seu patriotismo não se nivela ao dos imigrantes de ontem, vindos não se sabe de onde, fugidos não se sabe a quê, e que, nacionalizando-se á pressa, antes mesmo de conhecerem o paiz a que ficam pertencendo, usam os seus direitos de cidadãos improvisados, não sob a paixão sagrada de defender a terra-mãe mas apenas pela cubiça do arrivismo. Antes de D. Marcel Alvear entrar francamente na politica—já existia, por espontânea simpatia popular, uma corrente politica a seu favor.

Herdeiro de uma fortuna imensa, amando a vida, as vigens e sobretudo a arte, não quiz sacrificar a sua juventude ao estafamento da chefia dum partido antes de realizar o seu plano de «dilettanti»—que era tambem um plano de estudo, de doutoramento pela Universidade da Vida, do Mundo e das grandes e puras emoções da Beleza. Quiz o destino que logo no meio dessa peregrinação viesse a Portugal, atraído, sabe Deus, porque romântico sonho ou porque subtil curiosidade?

Era então D. Marcel d'Alvear—isso ha 27 ou 28 anos—um jovem «gentleman», um Brummel na flôr da idade, que se deslocava deixando, atraz de si, um rasto luminoso de lendas. Os melhores salões da Europa disputavam-no; os velhos admiravam-lhe o criterio, a cultura, a inteligencia; os novos, a sobria elegancia, a sua ciência de bem viver que o tornou numa espécie de Fradique Mendes. E esse jovem «gentleman» que pouco se demorára em Paris, que passou, de fugida por Berlim, que saltitára pela Costa Azul, pela Italia, que apenas

se demorára uma noite na Ilha do Capri—com grande surpresa dos estrangeiros e vaidade dos portugueses—insalara-se em Lisboa, como que para se fixar e fazer da nossa modesta capital—Lisboa tristonha e provinciana de 1903 ou 1904—o seu ponto de partida mundano...

—Este paradoxo—finha um segredo para além do feitiço e do encantamento do nosso céu azul, da nossa paisagem scenografica... E' que D. Marcel d'Alvear que conhecera as mais lindas

e aristocraticas jovens da Europa amava uma portuguesa, descendente de uma familia illustre de artistas—Mademoiselle Paccini—cuja voz possuia a sedução dos gorgeios do Olimpo... Consta-se que êle a conhecera numa récita aristocratica de caridade, onde êla, suplantando os maiores sopranos que tinham cantado em S. Carlos, interpretava a heroína de uma opera de Verdi. Ele estava numa friza de boca; e a joven cantora, no nervosismo do seu proprio triunfo casposo, fazendo do seu amor uma ambição de triunfo, uma razão de viver—entrou na carreira politica e diplomatica que o guiou a os mais altos postos do seu paiz...

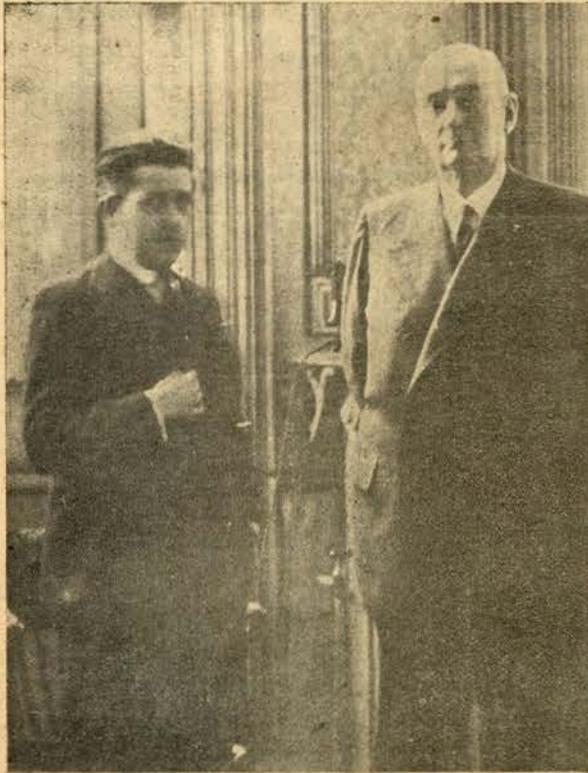
Conheci D. Marcel d'Alvear em Paris, de 1918 a 1921—quando era embaixador da Argentina e quando os meus deveres de director da Agencia Americana me obrigavam a entrevistá-lo. Depois, o seu partido—um dos mais fortes e gloriosos da grande republica, impaciente pela ausencia do seu chefe, fe-lo regressar á patria—elgendo-o á presidencia. A presidencia de Alvear foi das mais brilhantes, prósperas e tranquilas dos ultimos anos da politica argentina. Muito concorreu para essa brilhante victoria a colaboração de sua esposa e nossa compatriota, que o povo venera e que a alta sociedade argentina admira... Terminando o seu mandato—quizeram conservá-lo no poder—mas êle não o consentiu... Seguiu-a a presidencia de Irigoyen

um tribuno exaltado, talvez o mais popular e mais querido dos politicos rioplatenses—mas cujos colaboradores não estavam ao alcance das boas intenções do seu chefe. Inesperadamente estalou a revolução, surgiu a dictadura militar; e D. Marcelo, embora estivesse fóra da zona da lucta—empareceirou sobrio e silenciosamente com os vencidos—afastando se. A doença de sua sogra trouxe-o de novo a Portugal. Era uma entrevista cubicada—aquêla que êle podia ceder aos jornalistas. Mal desembarcou—sitiaram-no reporteres de todas as gazetas. Mas a attitude de D. Marcel não admitta uma unica excepção.

«O meu dever, neste momento—é o silencio! Esperemos outra ocasião—e eu farei declarações. Agora—com sincera mágoa—sou obrigado a negar-me—a esquivar-me!» E os reporteres regressaram ás redações justificadamente desiludidos...

... «Se confia ainda na lealdade daquêle reporter que tantas vezes o abordou em Paris, receba-me que eu saberei respeitar a sua attitude». —Dizia eu na carta que lhe dirigi. A resposta foi consoladora para o meu amor proprio profissional—provando que não me esquecera ainda, após dez anos de ausencia. As onze e meia no Avenida Palace...

O salão de leitura do «Palace» é, até ao meio dia, um espectáculo pitoresco... Os hospedes cosmopolitas refastelarem-se pelos *maples*, erguendo, cada um d'êles, um jornal diferente, com bandeiras para que, quem entra, possa identificar, dum relance, as respectivas nacionalidades... *Times, Matin, Popolo Romano, Etoile Belge, Gazette de Lauzanne, Wienn Press, Caraway Caretas, Pravda, Deutch Zeitung*... Quer dizer que êste velho é inglês, que aquêla joven é italiana, que aquêl'outros são austriacos, sérvios ou alemães... E D. Marcel, espreitando a sala, de entre portas, esteve como que fazendo uma experiência da sua memória visual tentando reconhecer entre todos, aquêle *journalista-baby* com que êle lidára em Paris, ha dez anos, e que agora ressurgia no seu cami-



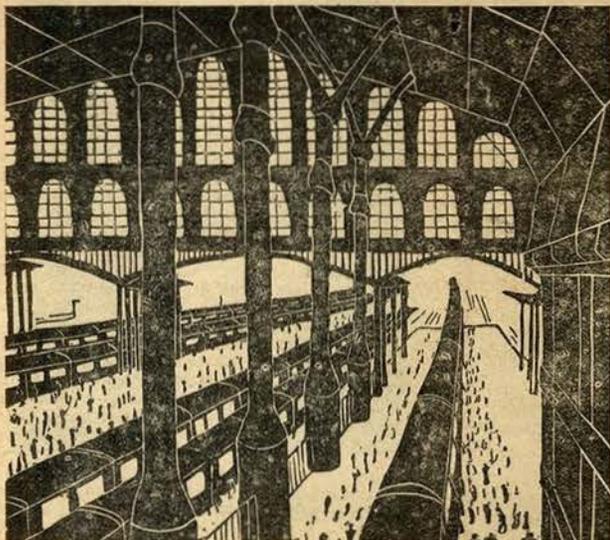
D. Marcelo Alvear consentiu gentilmente em posar para a objectiva do Reporter X

como qualquer velho paiz europeu a sua nobreza. N'algumas—como Nicaragua, com Venezuela, como Peru—essa nobreza é seleccionada pelo ouro; noutras—e entre todas destaca-se a Argentina—essa escolha é muito mais racional, porque é feita entre as primeiras familias que se fixaram na patria, nas horas dolorosas e incertas da conquista. A familia Alvear data, creio, dessa época; e a sua celebridade tem-se dilatado, atravez dos seculos, aureolando-se de

(Conclue na pag. 15)

O maior misterio das grandes cidades em 1931

## Os dois Drs. Frederick...



A «gre» de Frederick Strass, em Berlim

**B**UDA e PIST são duas cidades, duas irmãs gemas—ou melhor duas irmãs siamezas ligadas por uma ponte elegante, suntuosa que, mal anofeece, se enjoia num duplo colar de focos luminosos. Budapest, capital da Hungria, ainda há pouco agregada ao império Austriaco, hoje independente—é, depois de Viena—a cidade ou as cidades mais alegres e belas da Europa. Mas assim como a «alegria e galanteria parisienses se juncam de obras geniaes e se avermelham, de quando em vez, em tragédias tão complexas e profundas, como os romances e as peças de teatro da sua literatura— a alegria e a galanteria das cidades do antigo império—Viena, Buda-pest, Praga—apenas costumam dar opões. Franz Lehar não é apenas um símbolo teatral: é também um modelo da vida daqueles povos.

Eis a razão porque o caso angustiosamente indecifrável do Dr. Frederick, debatido agora na imprensa húngara, austriaca e tchecoslovaca e que teve como apogeu d'intriga, a data de 5 de dezembro último—surpreende até à estranheza os que se habituaram a ver em Budapest um imenso palco do género ligeiro. O Dr. Frederick—Hans Wolff Frederick—apaixonou-se pela França des le que leu Victor Hugo—aos 12 anos; e como era filho dum comerciante abastado—viu os seus caprichosos sonhos satisfitos indo estudar a Paris, Formou-se na Sorbonne, em 1912; e em 1914, voltou a França por dois motivos: para matar saudades e para casar com a mulher que amava cujo nome até em Portugal ecoou: Jeanne Denise que, representou no «Nacional» de Lisboa, como 2.ª actriz da Companhia Blanche Dufrenne. A lua de mel foi um pedaço de céu caído sobre a terra. Mas aproxima-se o mês de agosto. A mãe do Dr. Frederick também é francesa—é viuva—e fica em Paris com a nora; êle é obrigado a regressar á patria—que nessa época é a Austria. Por motivos d'ordem moral e intelectual despresava os favores da lei que lhe permitiam cursar a escola de officias—antes da guerra. E como a guerra é um facto—parte para o «front» como soldado. Em março de 1915 já não havia noticias do Dr. Frederick—que batalhava no «front» oriental. Sem probabilidades de comunicação com Budapest e esgotados os recursos que trouxera—a mãe do Dr. Frederick via-se ás portas da miséria. Jeanne Denise, que

nado—mas nem a mãe nem a esposa, que o julgavam morto há muito duvidaram que fosse êle. Alegria no lar; e a vida, entre aqueles três entes, marido, mulher e mãe—decorre suave, tranqüila e generosamente até 5 de dezembro do ano findo. Na manhã desse dia batem á porta. E' Jeanne Denise Frederick que a vem abrir. Surge um homem andrajoso, encardido, a barba crescida, as faces esquiladas. Julgou ela que era um mendigo lamuriando uma esmola. Mas quando ouve o seu nome alarma-se, fixa-o, empalidece. Reconhece-o. Era o seu marido—um Dr. Frederick n.º 21. A mãe acorre, vê-o, ouve-o, cre enlouquecer—tão semelhante é o recém chegado a seu filho! Semelhante? Igual! Acode o

... ou o duplo marido de Jeanne Denise que Portugal conhece por tel-a visto trabalhar na tournée Blanche Dufrenne

## O maior mistério... de Budapest

amava a sogra como se fosse sua mãe— sacrificou-se, volta ao teatro, entra na tournée de Dufrenne e Coquelin, representa em Paris, em Madrid—em Lisboa onde o autor destas linhas a conheceu, na noite em que representava a *Marthe Nuptial* de Bataille. Finda a guerra—sogra e nora instalam-se em Budapest—vivendo discretamente, mas sem tormentose economicos, visto que o pequeno pecúlio da familia permanecia intacto. Súbito, em outubro de 1920—surge inesperadamente o Dr. Frederick. Vem pálido, doente, arruinado

Dr. Frederick! Defrontam-se! Protestam! Intervevem a justiça; parentes, amigos, condiscipulos. Todos se negam a pronunciar-se. Interrogam-se ambos sobre os detalhes mais intimos, os episodios mais estupendos—e ambos respondem com a mesma clareza, com a mesma verdade, estabelecendo a mesma confusão. Nenhum dos dois desiste de ser o Dr. Frederick. Não há um de a-lhe que um deles ignore. E eis agora a esposa e a mãe sem saberem a qual dos dois confiar o seu amor...

E até hoje, á hora de escrever esta crónica—o mistério não foi esclarecido.

LÊR NO PRÓXIMO NÚMERO :

**Os maiores mistérios de 1931, de Shangai, : : Berlim, etc. : :**

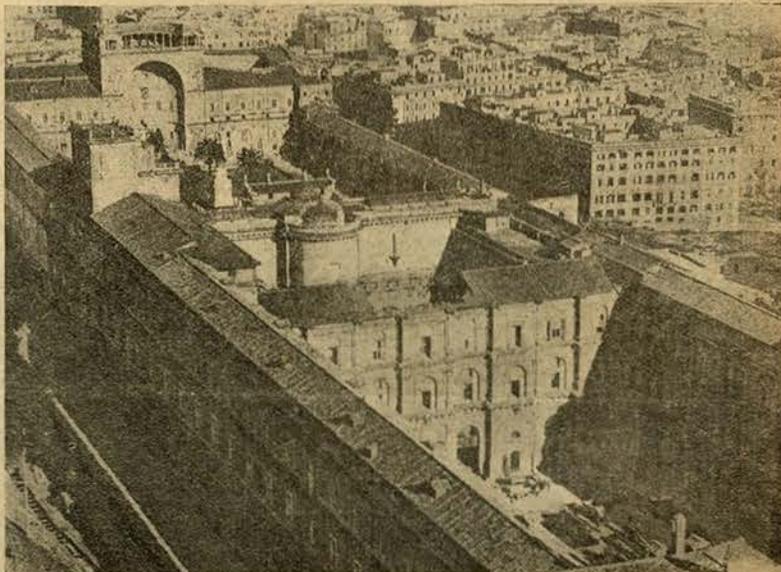
**A ZEITE**

**SANTA CRUZ**

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEPHONE 4998 PORTO



Uma vista aerea da «Cittá del Vaticano»

Romances e «filmes» da vida real

## A irmã portuguesa de Lya de Putti... suicida-se também, no Rio de Janeiro



A desventurada Lya de Putti

**Q**UANDO me convidam a jantar numa pensão de família—costumo oferecer certa resistência... e *par cause*... Mas na quinta-feira, última, não me arrependi. Subimos, o meu amigo e eu, a um segundo andar para as bandas do Chiado—e, ao contrário do que é hábito e do que eu temia, nem fartum a azeite, nem criadas esfarrapadas e com os calcanhares das meias rötos, nem balburdia na sala de jantar...

Era uma exceção à regra—ambiente confortável, um silêncio solene em toda a casa, creaditas estilo «girls» uniformizadas à inglesa, hospedes sisudos—como numa pensão de Kensington—e um serviço civilizado, com *caviar* nos *hors-d'œuvre* e Roquefort á sobremesa. Se não dou nomes e morada—é só porque não quero dar a impressão de me ter feito réclamista.

Após as saudações cerimoniais, ao reunirem-se á volta da mesa—os hospedes isolaram-se e apenas os casais dialogavam numa meia-voz discreta. O meu companheiro, era, pelo contrário, um palrador ruidoso e a sua conversa fonográfica salientava-se como um gongolo. Cinéfilo obsecado, tendo conseguido infiltrar-se nos «studios» de Berlim, cidade onde foi educado e onde o pai possui um escritório comercial—o seu assunto predileto eram o cinema e respectiva constelação de estrelas de ambos os sexos—sobretudo do feminino. Não sei porque evocou Lya de Putti, essa «vamp» neurasténica—que após varias tentativas de suicidio—acabou, ha meses, tragicamente, intoxicada por excesso de alcaloides—afirmam uns; duma operação mal rematada—garantem outros. E logo a recordei, corpo flexível, duma elasticidade de bambú, meio serpente, meio sereia que dava a impressão da carne ser lantejoilada de escamas de prata, o corpo sem ossura, e a cabeça—ahl a cabeça de Lya—aquêlle penteado, aquela franja, banal antes dela o usar e depois, quando todas as «midneettes» e rãdas de servir do glóbo a macaquearam em caricatura; aquêlle penteado que era como que um «cob» egipcio feito, não de cabelos, mas de ébano refulgente; e os seus olhos, borrões negros, estrelas caídas num frasco de tinta da China...; recordei o seu primeiro film—«Varietés», a sua sedução, a sua deslealdade, a sua dor rastejada, humilde, rebolando pelos degraus da sua escada, enquanto a sua alma caia no Inferno do remorso...

Foi no auge da nossa controvérsia sobre Lya de Putti—que um sujeito de certa idade, mui barbeado e dum janotismo sem grande exagêro que abancava ao nosso lado—interveio—metendo a colherada:—«Essa mulher pertencia á fauna rial e não literária das mulheres fatais «Parece-lhes um lugar comum a minha opinião... mas é que a minha longa experiencia do mundo—tenho cincoenta e um e conheço vinte e dois países—provou-me a existencia desse mito romântico.

Mas Lya de Putti não contagiava apenas o seu fatalismo aos homens que seduzia no «écran». Na vida rial, na sua própria vida íntima (foi sempre uma desgraçada e os seus múltiplos actos de desespero bem o demonstram) era uma «fittator». Mais: espalhava a



(Conclue pag. 15)

... num hotel do Rio de Janeiro para onde voltára...

# O maior perigo que ameaça Lisboa



...E' daqui que irradiará a luz que enlouquecerá os habitantes da cidade...

**V**ocê não visionou nunca, pela certa, este espectáculo de tão grandiosa tragedia, quadro de mais vasta e requintada angustia... Já sei o que está pensando... O que muita gente pensa escutando as minhas ideias e as minhas deduções que não podem parecer-se com as de um cérebro-fonográfico ou dum raciocínio feito de espelhos, que só pensa e só deduz o que ouve ou o que os outros lhe projetam.

E por isso eu lhes inspiro logo a suspeita dum louco—porque, para eles, só os loucos são capazes de dizer coisas que não estejam já ditas e reditas! E como a Natureza me fez assim, escanzelado, de faces chupadas, os olhos bogalhusos; e como vinte anos de vigílias continuas, de estudos obsecados, me deram esta expressão crispada e inquieta; e como também não desprezo os decretos da moda e as convenções sociais, trazendo eternamente o mesmo velho fato, sem o desencardir, sem o engomar, sem me preocupar com o colarinho nem em acertar a gravata, nem em pentear o cabelo, ou escanhoar a cara—a hipótese caluniosa de que sou um tarado, um criador de visões monstruosas e de pesadelos inverosímeis! Que os outros pensem assim—não me desgosta nem me admira... Mas você, que eu julgo mui diferente do lugar-comum, se deixasse impressionar pelas apparencias sobrepondo-as ao seu próprio espirito—é que me causava uma dolorosa desilusão. Como? Que posso falar sem receio da sua incredulidade? Homem! Não é preciso dar a palavra de honra... Eu acredito—e... continuo... Mais um *whisky*? Você desiste já, no terceiro? Pois venha um, para mim...

«Dizia eu que não havia exagêro nos calcnlos daquele meu amigo hungaro. Formára-se em Medicina na Universidade de Praga—ainda no tempo da união imperial e depois de se ter apaixonado, durante anos, pela psiquiatria, trabalhando num manicómio de Budapest—dedicou-se á quimica. A quimica não era para ele uma ciência—amante, como a psiquiatria. Ele amava a loucura como uma mulher ou como um victo. Varias vezes me confessou: «Não existe emoção, revelação segredos mais profundos, harmonia das artes mais complexas que um louco não nos dê! Viver entre loucos, vigiá-los, observar-lhes os esgares, as atitudes, os olhares, as palavras, os guinchos, espreitar-lhes o cerebro, o espirito, a alma em decomposição—é o mais belo, o mais suntuoso espectáculo que pôde

## O medico hungaro que denunciou e que pretendia enlouquecer toda a população da capital

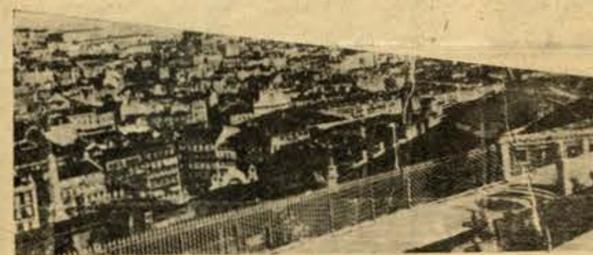
h' ver» Se a quimica o arrebatou dos hospitais de alienados, foi porque os seus estudos psiquiátricos assim o exigiram, na esperança de uma descoberta que seria a apoteose da sua mancebia espiritual com a loucura!

«Ahl Não! Estou a lêr-lhes nos olhos a suspeita que as minhas palavras lhe provocaram. O meu amigo hungaro não era um louco—nem louco pelo ineditismo da sua vocação obseada pelos loucos; nem pela força do contágio... Bem sei que nenhum sabio conseguiu, até hoje, determinar as fronteiras exactas de onde acaba a saúde psiquica e de onde começa a loucura; e quando se trata de um génio, de um cerebro agitado por pensamentos bem mais altos do que o nivel intelectual humano—a confusão torna-se mais emaranhada. Mas não. Ele não era louco! Ou antes: era tão louco como eu—juro-lhe! Como sabe estudei medicina. Falta-me apenas defender tese. Além disso a quimica interessou-me sempre—e embora não possuia laboratorios com os recursos necessários não creio que os meus conhecimentos na materia sejam mui inferiores aos de qualquer «sumidade nacional». Pois bem. Esse homem honrou-me com as confidências da sua descoberta—e o seu segredo é tão grave que eu espero dum dia para outro ver os 600.000 lisboetas acordarem loucos—todos loucos! Que maravilhoso espectáculo, hein?»

«Que tem você? Sente-se mal? Está pálido! Deixe-me ver o pulso... Hum! Um pouco de taquicardial Nêrvos... Beba outro *whisky*»

«Deixe-me contar-lhe a historia de meu amigo hungaro. Não lhe interessa sabêr como e onde o conheci. Basta que lhe diga que nasceu logo, entre nós, uma profunda e leal amizade e nós queremos e confiámos um no outro como se fôssemos irmãos. Não existe segredo do nosso espirito ou da nossa intimidade que ocultássemos um ao outro. (Quando eu disser Fulano é isto—ou é aquilo—posso afirmá-lo como se confessasse uma virtude ou defeito meu! Ele era internacionalista no sentido mais aguerrido da palavra. Não só não tinha, moralmente, pátria—como odiava todas as patrias. Sendo no fundo, um pacifista, como todos os intelectuais—amava a guerra como mal menor e como fórmula da destruição de todas as nacionalidades. E para ele, amar a guerra—era servi-la através das suas faculdades de sabio.

«Coerente até á obsessão da lógica unificou os seus ódios com as suas paixões, criando um objectivo único ao seu trabalho: a sua vida.



Uma vista de Lisboa, tirada de S. Pedro de Alcântara

Loucos, quimica, internacionalismo, anti-nacionalismo, guerra—tudo isto formava uma só obra—a obra que ele realison. Uma noite—ou antes uma madrugada—saímos de casa para vagabundear pela cidade. Viviamos então no mesmo hotel—um hotel modesto, para as bandas do Cais do Sodré—e quando dêmos por nós estávamos em frênte ao forte da Junqueira... O meu amigo hungaro, freinou, num súbito silêncio á sua palestra, e perguntou-me onde estávamos, orientou-se e sentando-se num portal desembolsou uma planta da cidade, toda anotada por ele a lápis de varias cores—vermelho, azul, verde, castanho amarelo—desdobrou-a e indicando-me um ponto—precisamente o referente ao local onde nos encontrávamos e que uma dupla linha gatafunhada destacava—disse-me: «Ha muito que estou para te pedir que me cicerones até ao Forte da Junqueira. O teu espirito é bem irmão do meu, porque os fenómenos telepáticos se repetem, comprovando o. «E depois de serarand uma boa hora, á volta do forte concluiu: «E' daqui que deve irradiar a luz que enlouquecerá toda a população da cidade!»

«Se esta ameaça tivesse sido proferida por outra pessoa ter-me-ia sido indiferente; mas sendo por ele, estremei. E o meu amigo hungaro, dando-me o braço, revelou-me o seu segredo—tão tranqüilo, tão sereno, como se estivesse a recordar um passeio ou a projectar um meio científico.» —A Humanidade só conseguirá libertar-se do martirio da actual civilização—com sacrificio de uma grande zona da própria Humanidade. Foi esta a lição de Lenine—na Rússia—deixando morrer de fome alguns milhões de seres—para que os que ficavam nunca mais sofressem fome.

Todos os estudos se orientam pelos mesmos principios—cada povo ordena outro povo. Estão portanto divididos em dois campos—embora sofram todos dos mesmos defeitos. O meu plano é usar um dos campos—(qual? não importa! Qualquer serve) contra o outro; fortalecê-lo, garantir-lhe a vitória pela destruição total do adversário.

E realiado este preambulo preparatorio—o resto é facil. Contudo, eu, como homem de ciência, tenho o dever de ser até generoso, ao pôr em prática o meu plano destrutivo. Em vez de ceifar milhares de vidas—ofereço-lhes a maior ventura á que se pôde aspirar cá na terra: a loucura. Não existe homem mais feliz do que o louco. Ora assim, consigo atingir o meu objectivo—sem remorsos nem sangue...

«Tenho percorrido a Europa inteira. Uns países expulsam-me, negam-se a colaborar comigo ou tomam-me por um louco; tanto pelo para eles...—Outros—e são quasi sempre aqueles que estão colocados no xadrez do odio, frênte aos primeiros—me acolhem e me aceitam. A mim basta que me digam sim ou não! O resto é comigo! Eu chëgo para realisar, sósinho, a grande obra! Lisboa pertence á lista das capitais condenadas. Estou aguardando apenas o sinal convencionado! Dentro duns menses? Dentro duns anos? Não sei! Mas há-de sêr um dia—e vão muito longe...

«E' trabalho de poucos minutos... Escolho um local

que corrêponda ás necessidades da minha fórmula... Coloco nêsse local na madrugada, uma caixa pouco maior do que uma lata de gasolina—e basta destapá-la... O que contém essa caixa? O germen da loucura; o suficiente para enlouquecêr todo o ser humano que se encontrar dentro dum radio de muitos kilometros! E na manhã seguinte, os poucos que tiverem compartilhado comigo a vacina preventiva assistirão a este espectáculo unico, apoteótico, grandioso: 600.000 indivíduos encheram as ruas, cabriolando, rindo, gesticulando, guinchando, bailando, abraçando-se, espantando, banido-se da felicidade—porque, é bom que se saiba—a loucura que eu regulo é loucura ofimista, a loucura que faz feliz os loucos...

R. X.

P. S.—Escrevi esta reportagem, reproduzindo textualmente o que ouvira naquela madrugada tempestuosa, a Miguel Barroso, em 1923, que hoje me decido a publicá-la porque acabo de lêr que aquêlle pobre amigo deu entrada no Hospital do Conde Ferreira, irremediavelmente perdido. A sua psicose é a de querer assassinar um medico hungaro, que só existe na sua mórbida fantasia—a fim de salvar a população de Lisboa de um ataque de loucura colectiva.

R. X.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51 - LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

# O sr. D. PAWEL mentiu!

É a propósito:—Um dia, em Athenas...

**H**A poucos mezes, um pacato cidadão de Athenas, grego por consequente, demorou-se em casa de um amigo que lhe entregou a quantia de 50.000 drakmas. Esta soma era destinada ao financiamento dum negocio com que o citado atheniense devia iniciar a sua vida. Eram duas da madrugada quando elle estava na sua rua, situada num velho bairro distante, labirintico, semideito—e desdentado em ruinas. Sulito, como que saído dum alçapão, surgiu-lhe um apache que depois de o atordoar, matraqueando-o com um cacete profissional lhe esvaseou a carteira dos 50.000 drakmas. O infeliz gritou por socorro e recuperando a energia, correu, com vários guardas e visinhos, na perseguição do ladrão; e no momento em que o alcançava, no auge da colera, exclamou.—*Ah! Infame assassino! Filho de Satanaz em pessoal*

Instaurado o processo, feito o julgamento, provado o crime—os juizes condemnaram o gatuão em tres anos de degredo. Mas qual não foi a surpresa de toda a gente ao ver, a seguir, a victima, sentar-se no mesmo banco dos réus para ser também julgado. Julgado porque? Porque o apache, provando com testemunhas que a victima lhe chamou *infame assassino e filho de satanaz*, e sendo estas duas acusações insultuosas e caluniosas—visto que, era ladrão e não assassino e filho de pae e mãe casados, sem ligações com Belzebuth—apresentára queixa e exigia uma indiminação de algumas centenas de drakmas. E recebeu-as—porque os juizes, nessa pena condemnaram a victima, sem admitir atenuantes!

Não sabemos porque, recordamos este *fait-divers* ao recebermos uma nova carta do illustre e honradissimo sr. D. Pawel (aquêlle que os senhores já conhecem) e que, a pretexto, de umas gralhas na publicação da anterior carta, nos aponta, à queima roupa a lei da imprensa, para que a reproduzamos... A's suas ordens sr. D. Pawel! Faça de conta que este jornal é seu—tão seu como Portugal parece terra vossa... Nem todas as questões em suspenso se rezervam para o dia do Juizo Final. Algumas hão-de ser resolvidas, e com justiça antes disso... Senão—espere pela pancada...

Lisb., 23 de Fevereiro, 1932.

Srs. Director-Editor e Chefe de Redacção.

—Baseando-me sobre o Decreto N.º 12008 art. 53 e 17 sobre a Liberdade da Imprensa dirijei-lhes esta carta para ser publicada integralmente no seu proximo Número, no mesmo lugar, com as mesmas letras e SEM NENHUMA alteração ou correção.

—Responderei ponto por ponto a chamada «Reportagem... sensacional».

—Bem sabem os Srs. que o meu nome é D. Pawel e NÃO «O». Pawel e accusam-me de mentir!

De resto é muito ingenuo da sua parte e é abusar da paciência dos seus leitores, quando

na sua exaltação e despeito grita que a carta reproduzida ou inspirada confirma o que ha pouco tempo a meu respeito deliberadamente publicaram. Melhor seria analisar sempre as afirmações ou acusações repetidas nas suas colunas, irreflectida ou voluntariamente; para se converteram do contrario absoluto, bem como do nojo que inspire aos leitores a triste bagagem vociferante e litteraria duma revista que pretende entrar nos meios familiares, b'g gem que nunca honrou quem a usou, mesmo com razão, o que não é o caso aqui. Felizmente, a minha reputação, pessoal e comercial, baseia-se sobre os meus brilhantes antecedentes e não depende das opiniões dos que fariam melhor de cuidar da sua propria reputação. A incorruptível opinião pública Portuguesa e as Policias competentes tem exclusiva competencia de formular accusações, em harmonia com as leis, perante factos concretos.—

—Tenham portanto a coragem de publicar novamente o desmentido da Policia Litteraria nacional reproduzido fotograficamente no «Reporter-X» do ultimo NATAL, mas em formato e com letras maiores, mais legiveis!—

—Não chega INSULTAR, acusar e repetir fantasias. E preciso citar factos e tambem os VERDADEIROS e UNICOS responsaveis, que os Srs. agora passam sobre um silencio inexplicavel... embora uma promessa, e verdade, verbal de os nomear à opinião pública. O caso da minha pessoa é indiscutivel e o relatório dos inqueritos da Policia Internacional Portuguesa e da Policia de Investigação Criminal, inqueritos concluidos em base da minha queixa contra os srs., faz fe indiscutivel. Seia uma novidade de facto sensacional de saber e de todos saberem, que o famoso «Reporter X» mereca mais credito que as autoridades Portuguezas?—

—Em poucas palavras, o conde Lucatete (LOCOTHETE) foi expulso de Portugal pela Policia Internac. Port. como espião ES ANHOL e Alemão e co. o escroc e encontra-se agora em Madrid como «INDICADGR» da Policia dessa cidade e não como «funcionario» E ISSO em compensação de antigos serviços de espionagem e do... fuzilamento, em França, da sua primeira mulher. Para mais detalhes, queiram dirigir-se à Pol. Inter. Portuguesa, Rua 16 de Outubro, 45 2.º, Direcção G. ral.—

—Amigos do tal Conde, residentes em Lisboa procuram, para salvaguarda pessoal, desviar dele mais responsabilidades, mas em vão—

—Não sei se ainda se deve admirar do facto de uma revista acolher nas suas colunas dizeses e, num estilo que L. de Canôes com certeza menos conhecia. Desprezo de responder ao tal Artur Moraes Gonçalves o qual POR FORÇA quer fazer o reclame da sua filha ou eniada, mas, quem quizer esclarecimentos, pode pedir-lhes à Policia Internacional, a qual possui um memorandão in extenso sobre este assunto... ridiculo.—

—Não penso perder mais tempo e nem sequer penso gastar dinheiro com polemicas jornalisticas. Podem portanto juntar os comitarios que quererão. Serão sempre... inultos, não só a mim, mas tambem aos leitores desejosos da verdade. Nada mais tenho que dizer.—

D. Pawel.

## Mannheimer V. G.

SEGUROS DE AUTOMÓVEIS

TELEFONE 23533

L. Barão de Quintela. 11-2.º

Nova maneira, original e honesta, de negociar

Todos podem adquirir, por quatro escudos, um par de calçado, á sua escolha, no valor de cem escudos

Nem tudo é rotina no nosso país, felizmente. Se bem que a maioria das pessoas que deviam agir de forma a livrar-nos das peias da rouqueira ou não façam, a verdade é que, para bem nosso algumas conseguem fugir desse âmbito, trabalhando atiladamente no que julgam, e muito bem, o cumprimento dum dever, o que é ao mesmo tempo a conquista de mais algum bem estar para as victimas da pavorosa crise que atravessamos.

Está nestes casos o sr. Virgílio Prieto, proprietário da Sapataria «O Modêlo de Paris», na rua do Loreto, 19. Pessoa de extraordinária actividade, trabalha constantemente para colocar o seu estabelecimento, em organização, a par do que de melhor existe lá fóra tem-no conseguido.

Agora, acaba o sr. Virgílio Prieto de fazer patentar a sua iniciativa que merece ser tornada conhecida, dado o extraordinário número de vantagens que oferece.

Trata-se do seguinte: Qualquer pessoa pode obter, gastando apenas 4\$00 e dispendendo alguma — pouco — energia, um par de sapatos ou de botas, do valor de 100\$00.

Para o fazer basta munir-se duma inscrição que custa 4\$00, com a qual, depois adquire, no «Modêlo de Paris», um contracto com cinco inscrições apenas, pelo qual paga 20\$00.

A cada uma das inscrições apenas do contracto, é attribuido o valor de 4\$00 e, assim, o comprador do contracto tem apenas o trabalho de as passar a cinco pessoas, das quais receberá o seu valor, ficando assim reembolsado dos 20\$00 dispendidos.

Com este acto, fica-se habilitado, desde logo, a receer um par de calçado, á escolha, ou por medida, no valor de 100\$00, tendo se dispendido apenas 4\$00. A entrega será feita logo que as cinco pessoas possuidoras das cinco inscrições se apresentem no «Modêlo de Paris» a adquirir outros tantos contractos, nas mesmas condições, e assim sucessivamente.

No caso, pouco provavel, de não se conseguir passar as cinco inscrições apenas a cada contracto, nem por isso o possuidor se fica prejudicado, pois pode resgatar o mesmo em qualquer altura, mediante a entrega do contracto no «Modêlo de Paris» e o pagamento de 8\$00, se não tiver passado nenhuma inscrição ou tenha passado só uma; 6\$00 se tiver passado duas; 4\$00 se tiver passado três; e 2\$00 se tiver passado quatro, recebendo em troca, e á sua escolha ou por medida, um par de calçado no valor de 100\$00.

Trata-se, pois, dum negócio absolutamente honesto, fóra dos moldes de tudo quanto se tem feito até agora, que foi estudado com toda a meticulosidade, de forma a ninguém poder ficar prejudicado, estando previstas todas as hipóteses.

Resta-nos dizer que o sr. Virgílio Prieto não esqueceu o auxilio que todos devemos aos pobres tuberculosos e, assim todos quantos tenham dicio a receber calçado no seu estabelecimento, p'z este processo, terão de colar um selo anti-tuberculoso no contracto respectivo, do valor de 20, que é próprio se encarrega de fornecer.

## Negócios e tranqüibernias

## 6.000 contos que vôam

**Quem é o financeiro Armando Luis Rodrigues — O Carvalhinho e o B. N. U. — Negócios e mais negócios — Uma historia referente ao ex-Banco Industrial Português — Engracio Ferreira, zangão de câmbios e outras coisas mais...**

Curioso este Armando Luis Rodrigues, acusado de ter praticado várias burlas que ascendem seis mil e tantos contos, crime que, aliás, confessou já.

Fomos encontrá-lo no seu cárcere, folheando *dossiers* que se empilham sobre o catre, e, simultaneamente, um livro estrangeiro, que consulta ameudadas vezes. Tipo franzino, envergando um colete de malha esverdeado, à vontade, como se estivesse no seu próprio escritório, fixa-nos através as suas lunetas sem aros, com uns olhos claros e vivos, mas denotando uma como que ingenuidade que se não coaduna com a situação que disfrutou até há pouco na sociedade, uma situação que exige, além de tudo, esperteza, vivacidade.

É ele quem nos informa da maneira como chegou à situação em que agora se encontra, acusado dum crime que — tudo o faz prevêr — o levará à penitenciária.

Foi comerciante durante a guerra, numa sociedade com mais dois indivíduos, sociedade que a certa altura se desfez, cabendo a cada um dos sócios 1.500 contos de lucros. Já então tinha à sua guarda valores de vária espécie, papeis de crédito, etc., pertencentes a diversos clientes, que lhes confiavam para negócios de bolsa.



O hábil agente Rosado Paulitos, da P. I. C. que procedeu às investigações que levou o Luis Rodrigues ao banco dos réus

Com esses valores ia jogando na bolsa, ganhando e perdendo, como aliás é costume suceder. Em 1919 tinha depositados à sua ordem no Banco Nacional Ultramarino, 100 mil Libras *Brasil Funding*. Cotava-se então a libra a 12\$50 e nessa altura um tal Carvalhinho, chefe da secção de títulos do mesmo banco combinou com ele a cedência das 100 mil libras, para — dizia — salvar a situação dum cavalheiro de nome Manuel Vicente Rodrigues, de quem ia ser sócio, com a promessa de restituição em prazo curto. O caso é que, tendo sido creditada a conta de Armando Luis Rodrigues, em 230 contos, quando este a determinada altura foi pela restituição das 100 mil libras, foi-lhe negada.

Estava naturalmente indicado que cessassem os negócios de Armando Rodrigues com o tal Carvalhinho, mas não sucedeu assim: Pouco tempo volvido, este voltou a pedir àquele a cedência, para efeitos de Assembleia Geral, de 63 acções da Companhia das Lezírias, que tinham nesse tempo a cotação de 2.400\$00. Estas acções, longe de serem restituídas ao Rodrigues, foram vendidas quando já se cotavam a 7.000\$00, facto de que aquêle foi informado quando já o Carvalhinho não fazia parte do pessoal do Banco.

Mais tarde, é sempre o Rodrigues quem nos informa, soube que não fóra ele a única vítima do Carvalhinho, pois este procedera de igual modo para com outros clientes do Banco, tendo em vista com o seu procedimento, cobrir graves prejuízos que acarretára ao mesmo, com posições de câmbio a descoberto, a 8\$00.

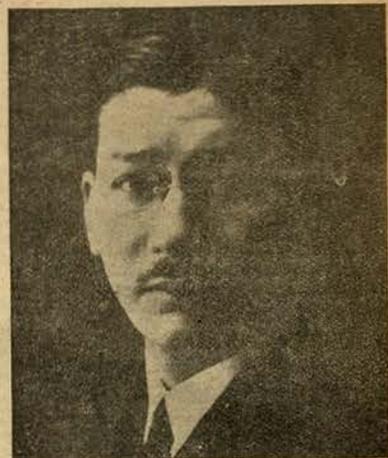
### Um prejuízo de 5.000 contos liquidado em dois anos

Outras operações realizadas a conselho do Carvalhinho, levaram à conta do Rodrigues, no B. N. U. um desnivelamento de 5.000 contos. Foi então que valendo-se de alguns valores de clientes e amigos seus, entregou no Banco 700 contos, ao mesmo tempo que pedia ao Governo do mesmo autorização para realizar operações sucessivas com arbitrios de títulos e câmbio, para o que se valia dum importante rede de informações, absolutamente necessárias a estes jogos de bolsa.

Concedida a autorização pedida, passados dois anos, conseguia o Rodrigues entregar no B. N. U. mais 4.300 contos, cobrindo assim o desnivelamento trazido à sua conta dois anos antes.

Tinha pago ao Banco mas ficava sem um centavo em seu poder, isto é, comprometera o que era seu e o que não lhe pertencia, tendo procedido assim na esperança, diz-nos o Rodrigues, de melhores dias, que lhe facultassem a restituição dos valores aos seus legítimos proprietários.

Nas suas relações com o Banco Nacional Ultramarino, há uma fase em que o Rodrigues prestou àquele organismo bancário um alto serviço, tendo conseguido, com o prestígio que



Armando Luis Rodrigues, o antigo financiador de muitas e variadas empresas que está agora a contas com a justiça, e muito poderá contar...

então gosava nos meios financeiros e políticos, que o Banco recebesse, em 48 horas, 5.000 contos, sem o que teria falido, pois estava esgotado de numerário.

Tudo quanto fica dito acima, afirma-nos o Rodrigues, é uma simples amostra, pois prometeu ilucidar-nos para artigo futuro, das negociações praticadas na praça, que acarretaram para o Banco Nacional Ultramarino a situação aflitiva em que elle se encontrou há tempos.

### A «honestidade» de alguns gerentes do Banco Industrial Português

Proseguindo o nosso herói na descrição de *financeiro e homem de negócios*, contou-nos que, tendo tido largas transações com o Banco Industrial Português, em determinado dia um gerente do mesmo o chamou e lhe propôs a compra de duas mil acções duma Companhia de Fosfatos, em formação dentro do Banco, em conta de participação com vários clientes. O Rodrigues aceitou a proposta e, passados tempos veio a saber que o gerente que lhe propuzera o negócio, bem como outros que se lhe seguiram, tendo feito transações desastrosas de câmbios que levaram o Banco à ruína, debitavam a referida conta aos Fosfatos pelos prejuízos ocorridos. Um dia, tendo sido votado em Assembleia Geral o dividendo a pagar, e não teudo o Banco numerário, um dos gerentes pediu ao Rodrigues para avaliar letras no valor de algumas centenas de contos. Com espanto deste, passados dias o Banco encerrava as suas portas e eram-lhe apresentados à cobrança, por vários Bancos que as haviam descontado, as letras que avalisára. Pagou, mas como a sua conta ainda estava a descoberto, teve um prejuízo de 700 contos.

Conclue na pag. 15

## Bilhetes do R. X...

Ao Ex.<sup>mo</sup> Dr. Ramada Curto:—Teatro da Trindade.—Lisboa.—Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo: Era eu menino e moço. Ilisau, Zola, Byerson deslumbravam-me—quando vi as suas primeiras peças. Estava na idade em que a literatura nos obséca—e eu sem ousar confidenciar-lhe a minha veneração enfileirava-o na galeria íntima daqueles meus ídolos. Com que tristeza soube que «As Segundas Nupcias» tinha sido arrancada do cartaz, a 3.<sup>a</sup> recital! Com que indignação lia os comentários pretenciosos da crítica! Mais tarde—há quinze anos—no fim dum entrevista sobre teatro e depois de declarar que desertava—disse-me: «Eles têm razão! Não querem as suas fraquezas íntimas, escancaradas em publico—pagando, ainda por cima.»

Eu parti então, por esse mundo fóra e durante cinco anos andei alheado do que por cá se passava; mas com que envaidecida emoção o vi, no regresso, entronisado na galeria em que eu o colocara ainda menino e moço! Críticas pirotécnicas, aplausos, enchesse! Que V. desistira da escola Ibsiana, que era um autor moderno, justo, verdadeiro—e com o maximo talento. «A Fera», «A Morte do Casino» tinham triunfado; O «Caso do Dia» eternisava-se no cartaz. Subito—metamorfose. Silencio, esgares amarelentos, adjectivos dubios. Porquê? V. lá urdira o seu plano, deixara que a sala se enchesse—e quando o pano subiu «eles» viram-se no espelho da sua peça—e já sem coragem para lhe negarem o talento que, com justiça, apregoavam quando supunham que V. abdicara da ideia de desmascarar tartufos. Que bela partida que V. lhe pegou! E' de comediografo mas também é de advogado. Seu admirador sincero—R. X.

S. D. N.—Genebra—Suíça: Ilustres Guerrelhos da Paz.—Quando Wilson traçou o plano de uma liga de paizes contra a guerra e o acusavam de utopista—corri, de pena em riste, a defender o seu belo sonho de paz e alistei-me logo como legionario vosso, disposto a floretear contra todos os pessimismos. Mas eis que de Varsovia me dizem que uma comissão de juristas concluiu uma pasmosa estatística pela qual se prova que, em 3421 anos de historia, ao alcance da lupa dos investigadores—3153 foram ensanguentados pelas guerras—e apenas em 268 reinou a paz. E mais ainda: que durante este longo periodo assinaram-se 8000 tratados de paz—mas nenhum deles evitou o regresso á guerra, por mais, de dois anos! Ante a eloquencia destas cifras—desistoi! Sinto muito pela falta que lhes posso fazer—mas peço-lhes que, de hoje em diante, não contem mais com o optimismo ingenuo do vosso—R. X.

Ao Ferreira de Castro.—Brilhante romancista e querido camarada de imprensa: O teu livro «Os Imigrantes», a meio de uma carreira invulgarmente triunfante, em Portugal e no Brazil, e da apoteose internacional que significa

## Artistas no palco, artistas na vida

## Carta aberta a Estevam Amarante

pelo R. X.

Meu caro Amarante: Alegro-me a sua reaparição em Lisboa—com o alvoroço de quem, a meio duma dura e longa faina, realisada numa officina sem luz de sol nem ar puro, lhe oferecerem umas férias longe da cidade, num local de feérica paisagem e vida saborosa... Se o teatro tem altas missões sociaes a cumprir—uma existe que sendo, para mim, a mais objectiva, a mais proficua, generosa e diticil—é precisamente aquella que, entre nós, empregarios, autores, artistas e até criticos desprezam: a missão scientifica de curar corpos e almas pela droga milagrosa da alegria, do otimismo, da distração—libertando os espiritos do degredo das preocupações e desgostos diarios, encorajando-os, animando-os, dando-lhes outros horizontes, outras ambições... Ora é precisamente êsse o seu «teatro», o



Estevam Amarante

teatro que você tem conseguido manter, quasi sem competidores—e tambem sem ajudas morais ou materiais, e sabe Deus atravez de que luctas, de que esforços, de que desilusões. A minha pobre técnica de escriba propunha-me, simultaneamente, a lisonja e o pleonasmo. Foguetear agora, com adjectivos pirotécnicos, o seu talento de artista—seria uma dupla falta aos meus principios jornalisticos. Mas, já que lhe comunico a esperança de boas noites, de noites saudáveis e anti-neurastenicis, que a sua temporada me provoca—vá lá um desabafo, cochichado ao ouvido. Para muitos, para o não-te-rais nacional, o segredo do seu triunfo ininterrupto, em tantos anos de ininterrupta actividade—está na sua Boa Sorte, nas velas que, por acaso, oferece a qualquer santo da sua devoção, nalgum bruxêdo que lhe ensinaram em pequeno—e nunca no seu trabalho, na sua intelligencia. Ora eu que sou pouco crente em milagres e em feitiços—convenco-me que o seu exito se cifra na sua especialização, na sua paixão pelo *metier*, a que se dedica. Conheço um pouco os bastidores da sua existencia (artistas, escriptores, politicos, habitam em torres de cristal diáfano...). Você, de manhã até á noite só pensa, só vive, para o seu teatro, para a sua empreza, para a sua arte. Um descuido do detalhe—por muito insignificante que seja—não perde uma hora que não a destine ao

(Conclue na pagina 15)

## a toda a gente

a sua publicação em italiano, inglês, alemão, russo e espanhol—vai ser traduzido ao japonês. E' um legitimo orgulho para ti, e uma mais legitima recompensa á tua vida e á tua obra de artista.

Não é possível conceber, para um publicista, premio mais embauldor, condecoração mais doirada, gloria mais saborosa do que ver prosa sua traduzida num idioma extranho, desconhecido e duma raça distante. Visiono daqui com que alvoroço e justificada emoção folhearás as paginas do livro em japonês, gatafunhadas com caracteres minuculos contorcionando-se num aquário—e tatear, sórgemente, esta folha, aquela linha pensando que é ali que está a cena mais querida, o dialogo que compomos com maior entusiasmo, a frase que pensaste com maior amor, a imagem que criaste com maior voluptia!

Um dia, estando eu a trabalhar na Conferencia Internacional Financeira para «O Seculo», o redactor dum diario de Constantinopla que engraçara comigo—pediu-me licença para traduzir e enviar para a sua gazeta um artigo meu sobre Montenegro que saira em «Le Soir». Rejubilei! Passei noites em claro! Fui ridiculo e impertinente, na impaciencia de ver o meu artigo... em turco! Por fim o meu colega mahometano, nas pressas do regresso, entregou-me o jornal e apontando-me um molho de rabiscos salpicados de pontos—comunicou-me que era aquella... a minha prosa. E' possível que tivesse beijado o jornal, que me tivesse fotografado com ele na mão! O que sei, sim—é que durante dias, semanas, o atirava aos olhos de todos os conhecidos e desconhecidos. Mas uma noite—no «Rotonde» de Montparnasse, apresentaram-me a outro confrade turco—que estilhaçou a minha pobre alma em mil cacos. Começou a ler o trecho marginado a lapis azul, franziu o sobrolho, e soltando uma gargalhada—expliou: «Mas isto nem é artigo nem pode ser seu! E' um anuncio para venda judicial de uma creação de camêlos, na Asia Menor!» Felizmente a minha prosa vinha noutro sitio da mesma pagina—o colega turco, na pressa de mo indicar, equivocara-se na coluna! Mas o que eu sofri—naqueles minutos de desilusão!

Os teus «Imigrantes», porem—estão fóra desse perigo—e por isso te felicita—sinceramente o teu velho: R. X.

A' Nova Comissão Municipal de Lisboa.—Ilmos. e Ex.mos Srs. Vereadores.—Devo a V. Ex.as a descoberta de uma ambição ignorada. Foi ao ler a noticia da vossa posse, ao observar os vossos retratos, ao reconhecer, entre V. Ex.as, um antigo discipulo. E me saber como, numas vibrações espontaneas do espirito—ambicionei a vossa missão, sonhei com a vossa autoridade, quasi que invejei o vosso destino. Senti-me, em suma, por uma voca-

(Conclue na pag. seguinte)

## A irmã portuguesa de Lya de Putti

(Conclusão da pag. 3)

fatalidade pelos que se apaixonavam teoricamente a distância conhecendo-a apenas através dos rotulos e dos films. Podia citar-lhe dezenas de casos—um basta para as convencer... M.lle Z. (escuso de revelar o nome da mocinha que pertence a uma ilustre familia lisboeta) vivia feliz na sua frivolidade. Nascida e educada em riqueza, mimada pelos paes, pedida em casamento por um joven interessante de sã moral, belo espirito e situação próspera—parecia destinada a mover, na terra, todo o mel que a ventura oferece. Um belo dia, no Condes, vê trabalhar Lya de Putti—e adeus ventura e calma! O seu entusiasmo pela *vedette* não conhecia limites. Sugestionou-se, por tal forma, imitando-a, pntando-se, vestindo-se, maquilhando-se, como ela, tomando as suas atitudes—que, por vezes a confundiam, supondo-se que Lya se encontrava em Lisboa. Com escândalo social—rompeu o compromisso, desprezou o noivo, libertou-se da tutela paterna, deixa o lar, cava abismos de silencio e de mistério, durante mezes, em que ninguém sabe onde pára e o que faz; reaparece no Rio, na companhia de um tenorio vulgar; mergulha de novo na sombra e emerge num *club* de Lisboa—com outro tenorio; apaixonou-se e despreza, seduz a ri-se, arruina e arruina-se e um belo dia—no dia seguinte à noticia da primeira tentativa de suicidio de Lya de Putti—suicida-se num hotel do Rio de Janeiro, para onde voltára. Mas, menos ditosa do que o seu modelo, morreu de *verdad*—enquanto Lya se salvava... mais uma vez.

O meu companheiro sorriu-se—fixou o olhar no espaço—e como se falasse para o invisivel, disse:—«Essa suicida—era filha do sr. A. N. de A. e S.»—Pulei de pae ante o emprevisto daquela revelação, o narrador da historia, o cavalheiro idoso—é que não se impressionou:—«O senhor acertou porque leu nos jornaes esta tragedia e ligando os factos—ligou os nomes!»—«Perdão!»—protestou o meu amigo.—O caso é outro. Eu conheci Lya de Putti pessoalmente—e ela, quando soube que eu era português—confidenciou-me o grande segredo da sua vida!»

E num tom de Edison apresentando um novo invento—exclamou:—«E! que essa menina portuguesa que se sugestionou até ao sacrificio da vida era... irmã da Lya de Putti—irmã... por uma das partes! Percebe, heim? O que se impôs á pobre portuguezinha romantica não foi uma obsessão cinéfila—foi a voz do sangue, a repetição das mesmas taras pela igualdade da herança!»

## Um português, na América foi injustamente condenado a uma pena infamante

(Conclusão da pag. 5)

que salvou a vida ao desventurado Pita Soares. Os jornaes portugueses «A TRIBUNA» de Nova Iorque, e o «DIARIO DE NOTICIAS», de New Bedford, procuram congregar os esforços a favor deste emigrante português a quem tocou a aza negra da desgraça, fazendo-o viver um drama pungente.

Fazemos votos para que esses portugueses



## Um escândalo de aldeia

Portugal pode ganhar-se de ser dos países que tem uma magistratura mais honrada. Com os parcos vencimentos que teem os notos magistrados, como de resto todo o pessoal de Justiça, é preciso ser-se heroi para tanta vez se ir contra os interesses criados e fazer justiça, de olhos vendados, sem querer vêr se essa justiça agrada ou desagrada—simplesmente se ela é recta. E esse heroismo tem, felizmente, a Justiça Portuguesa.

Mas, como a mulher de César, a Justiça não tem sómente que ser honesta—tem também que parece-lo para que no espirito de ninguém possam suscitar dúvidas, e as suas decisões possam ser acatadas sem reparos. Vem este exórdio a propósito do que se passa em A. do S., onde a justiça perdeu um pouco do seu prestigio, que devia ser intangivel. Bem diz o ditado que onde entram saias o diabo tece-as. Pois foi o que sucedeu na localida-

de em questão, onde vai um verdadeiro escândalo—um escândalo de aldeia. Mas qual é o homem, seja juiz ou simples mortal, que sabe fugir á sedução duns olhos felicitosos?..

## Os sobas de S. Pedro da Cova

O trabalho dos mineiros é, pela condição especial em que é executado, do mais bem remunerado em todo o mundo, sendo proibido, por uma convenção internacional, a que Portugal também aderiu, o trabalho a menores e mulheres, e a homens por mais do que sete horas. Mas a lei é letra morta. Veja-se como exemplo, o que sucede nas minas de S. Pedro da Cova, verdadeirosobado de meia dúzia de ridiculos tiranetes, que obrigam os operários a trabalhar 12 horas seguidas, cometendo um crime que a lei devia punir, e pagando-lhes em troca um salário irrisório que nunca vai além de 13\$00.

consigam o fim a que se propuzeram e daqui, através da imensidade do oceano que separa as duas Patrias, lhes enviamos a nossa solidariedade a favor da sua campanha tão eminentemente justa.

COSTA JÚNIOR

## O preço dos pontapés...

(Conclusão da pag. 4)

## Bilhetes do R. X... a toda a gente

(Conclusão da pag. anterior)

ção insuspeitada, ambicioso do vosso lugar. Isto de dispor de uma cidade, das mais belas do mundo, recêbe-la nua e sem maquilhagem e poder educa-la, retocar-lhe as formas, estilizar-lhe as curvas, vesti-la, arranjar-la, fazer dela marmore do modelo visto em sonhos, tela dos jardins do vivo paraizo espiritual, violino da sinfonia que a vossa alma nos segreda em silencio—é de facto, para embruxar homens que tenham o fogo sagrado das grandes realizações, das grandes obras. E invejando-os sonhei, como um King Victor ou um Franz Leng, na concepção dos seus films, a saborosa ventura que é emprender uma «mise en-scene» que tenha Lisboa como palco ou «studio».

E só então compreendi que um vereador deve ter alma de artista—e como ele passear um pouco pelas babilonias maravilhosas da concepção e subir o calvario doloroso dos desencantos e das ingratidões, que é o destino de todos os artistas. Perdoem este desabafo—do m.to atto e esperançado: .R. X.

mesma importancia que os irmãos Ramos. O Sporting que não estava para sustentar mandriões rescindiu os contratos. E os manos Ramos vieram para Lisboa, para os Belenenses, e o José da Silva foi despachado para Coimbra, jogando pelo União desta cidade em troca de bons estudos que recebia. Arranjaram-lhe alguns empregos, mas o rapaz não se dava bem. Melhor era viver com os ordenados do União. Agora é cobrador de uma casa bancaria de Coimbra, mas ainda recebe do União 400 escudos. Mesmo assim, há pouco, acenaram-lhe do Sporting com mais dinheiro e este «amador» esteve vai não vai para despir a camisola do União. Aqui tem, snr. director do «Reporter X», mais tres profissionais e isto desde o ano de 1925, para prosseguir na sua justa e nova campanha.»

Serão só os jogadores os autores e cumplices do negocio da bola? Não. Aos dirigentes cabe a principal responsabilidade—a maior de todas. Em vésperas de um emportante encontro internacional, o Portugal-Jugo-Eslavia ficam bem, como lirios roxos sobre os dirigentes, mais algumas revelações.

## Visado pela Comissão de Censura

# Um Sultão Minhoto

Revelações sensacionais sobre um tiranete

AS instalações radio-telepáticas do «Reporter X» são, modestia á parte, um modelo de engenho jornalístico. Dificilmente flutua pelo espaço, do norte a sul do paiz, a aza de uma notícia, por muy subtil e leve que seja, que as nossas antenas não interceptem... Um exemplo... Ha poucas noites, em F... um, dos crómos mais belos dessa berrante litografia da Natureza que é a nossa provincia do Minho, «voou», formando onda arteziana ao alcance do nosso «Radio, o seguinte dialogo:

—Tenha cuidado, o sr. Pereira... Cá na terra não se fala noutra coisa. E não é só cá na terra... Estive ontem em Barcelos e em Braga; e ante-ontem em Santo Tirso; e ha dias, no Porto—e toda a gente me cochichou o mesmo boato...

—Mas a que se refere você?

—Dizem que vão contar tudo—nesmo tudo!

—A meu respeito? A eterna historia... Deixa-os falar! Ha quanto tempo ouves tu a mesma ameaça? O ano passado, afirmavam que eu ja ser preso! Ha dois que me iam matar! Ha três que... Em suma... «Palrices!!! E sempre, a acompanhar todos esses papões—o espantallo da imprensa! E já vês que os jornais, até hoje, quando se referem a mim é só... para me fazerem justiça (sic!)—e chamarem-me *benemerito, illustre, alma generosa, um caracter modelar, o mais honrado, e recto dos homens!*... Eu rio-me desses boatos...»

E sorrindo, esboçou um gesto em que apontou a carteira, acrescentando:—E quando não vão a bem... vão... a dinheiro! Não encontrei ainda quem não me desse razão... pelo menos a peso de notas!

—V. Excelência lá sabe as linhas com que se cose—retorquiu o outro, desta vez—dizem, aqui, no Porto, em Santo Tirso... e em Braga... e em Barcelos—quem vai contar tudo é o «Reporter X»...

—Bem sei! Também já me chegou aos ouvidos! E que? Não te assustes! «O Reporter X» não dirá uma palavra! Já tratei do assunto! Estive em Lisboa, falei com o «Reporter X»—homem combinamos tudo. Silencio absoluto. Custou-me caro—lá isso custou, que o cavalheiro faz-se pagar bem mas, em suma—não é porque deva seja o que for—e quem não deve não teme—mas nada vale á tranquillidade e o socego! E' o que te garantio! Já tem mordaca—umas dezenas de contos...»

O individuo que assim falava, o habitante de F... que acalmou o panico nos seus cúmplices com a afirmação de ter comprado o meu silencio é o sr. A. Pereira. De facto, pouco antes chegá-

ram até nós informações seguras sobre o lodaçal que é a vida desse «benemerito»; e logo encarreguei um redactor da maxima confiança de devassar, de radiografar, de autopsiar até ao ultimo detalhe—o roda-pé ignobil dessa especie de sultão do Minho, tirano de mil almas, escroc de dezenas de virgindades, figura camiliana que nem Camilo concebeu tão ignominiosa e tão vil. O sr. Pereira é o «specimen perfeito, estilizado, do monstro sem coração nem escrupulos, que amealhou uma fortuna e a usa como se usa uma gazua, ao serviço dos seus apetites mais cruéis, dos seus desejos mais maquiavélicos—descendo ao Inferno, na pratica das suas proezas e subindo até ao ceu, na hipocrisia da sua mascara de *benemerito, de honrado, de generoso, de puro*—incapaz de respeitar seja quem for, ou de soltar uma lagrima sincera (e as suas lagrimas, temos provas fotograficas delas, são tão cúmplices da sua infamia como os seus sequases ante a maior dôr, a maior tragedia que provoquem...»

Como se engana o sr. Pereira! O «Reporter X»—jornalista—nunca falou com ele; e se hoje, depois de saber o que sabe, ele ousasse aparecer-lhe—expulsava-o do seu ambito como se expulsava um canalha do seu jaez! Se é muito rico, se possui a fortuna de Monte Cristo—que a guarde para se regalar no luculiano banquete da sua soberania! Nesta casa não existem canetas em leilão! Se quer comprar canetas—que se dirija ás papelarias ou a certos pseudo-jornais que não ha-de faltar quem se alegre não só em calar a sua ignominia como até em defende-lo contra as nossas revelações—que fica desde já prevenido—começam em breve.

Sabemos a verdade toda; e nunca, em deoitio anos de jornalismo tivemos conhecimento duma infamia sem a revelar! E' que nem todos os homens são feitos da mesma materia. Uns teem alma de lodo—outros não! A nossa não nos deixaria dormir socegado se me calasse—depois de saber o que sei! E' que o autor destas linhas tem uma filha—e avalia pelo amor que lhe dedica a inquisição em que se encontram dezenas de pais, vitimas do sr. Pereira!

Quanto a compra—que não ouse sequer aparecer-nos. Nesta redacção existe um chicote—e nem os cães gostamos de lategar.

Para «Porto de Honra»  
Vinhos «BARROS»

## Episódios inéditos de Betty Henriques

O bailarino português e confidente de Al-Capone

QUANDO, ha tempos, publicamos uma série de revelações sensacionaes sobre as infimidades de Al-Capone, o Rei do Crime de Chicago, graças ás inconfidencias do bailarino português e amigo daquele famoso *gangster*—Betty Henriques, houve, como sempre, nessas linguas de *ponta e mola*, que, por cumeira profissional ou por o lio de desmascarados, insinaram—uma dose exagerada de fantasia nessa reportagem—até á calunia de duvidarem da existencia real do seu inspirador—ou seja de Betty Henriques. Encolhem os hombros ante esta covarde insidia—tanto mais que o exito das nossas revelações tinha atingido um interesse invulgar não só dentro de Portugal, como no estrangeiro, onde jornaes, como «Kollonisch Zeitung» e «Kriminal Magazine», reproduziram os nossos artigos, facto que nos orgulhou legitimamente.

Era tão facil provar a existencia de Betty Henriques que antes da sua triunfal *tournee* pelo mundo trabalhára em Lisboa, no Eden e em outros teatros—que não valia a pena gastar tempo a desmentir os caluniadores. Mas acabamos de receber uma carta a qual não podemos deixar de dar publicidade. E' ella assinada pelo *transmontano*, sr. Lindorfe Sobral e vem datada de Johannesburg, Transwal. Começando por nos confessar a emoção com que aguarda, em todos os correios o nosso jornal, a tantas léguas de distancia da patria e o entusiasmo que lhe tem provocado a nossa orientação, tecnica e moral—acaba por referir-se a Betty Henriques, dizendo o que se segue:

«Viriato Henriques viveu e estudou em Johannesburg, desde a idade de 11 anos

(onze), em companhia de seus pais. Foi funcionario publico do Governo Português, de 1919 a 1922, em Johannesburg. Caso u-se aqui em 1921 com Renée Collard, que um articulista sita como sua primeira amante,—de quem teve duas filhas gemeas, que vivem no Transwal em companhia da mãe, já ha alguns anos divorciada do bailarino português. Ora não é justo que estas duas crianças sejam mais tarde apontadas como filhas duma das amantes de Viriato Henriques, quando em verdade são duas filhas legítimas e do matrimonio.

O nosso compatriota, devia ser o primeiro a procurar desfazer estas fálta logo que delas tenha conhecimento.

E' possivel que os seus triunfos e os muitos afazeres não lhe deixem tempo disponivel para ler illustrações e magazines do seu Pais e por isso é bom informal-o do que se passa.

Este apelo é feito sem que alguém da familia de Viriato Henriques, ex-mulher, filhas, cunhados ou cunhadas, tenham disso conhecimento. Renée Collard, ou antes, Madame Henriques, que viveu em Lisboa com seu marido, creio que durante um ano ou dois, fála e lê um bocado português, e teve o ensejo de ler os artigos que se referiam ao marido, mas não tem conhecimento da outra historia de aventuras referente ao famoso bailarino.



## 6.000 contos que vôm

(Conclusão da pag. 11)

Tempos depois o Rodrigues tinha um novo prejuizo de 400 contos, por negócio de compra e venda de marcos, devido a traficâncias das pessoas que em Lisboa mobilizaram o negócio que êle indicava de Berlim, onde então se encontrava.

### Uma multa e a Casa Piano

Em 1923, encarregado por um Banco de Nova Iorque de vender 10.000 Lbs. ao melhor câmbio, por se tratar de dinheiro de imigrantes, conseguindo o melhor preço na Casa Piano e depositando o contra-valôr escudos no B. N. U. e no Banco do Minho. Era então ministro das finanças o dr. Vitorino Guimarães que o multou em 140 contos, por não estar autorizado a negociar em cambiais. Procuraram a casa Piano e ali responderam-lhe que não tinham nada com o assunto e o Rodrigues pagou mais êsse prejuizo.

Não chegaria, o nosso jornal para inmerar num só artigo tudo quanto êste homem nos contou.

No entanto, não queremos deixar de citar mais um episódio desta tragédia. Existe para aí um tal Engrácio Ferreira, um *zangão* de cambios, que à custa do Rodrigues medrou, tornando-se depois u n seu maior inimigo, quando aquêlle lhe fez sentir que andava sendo por êle explorado. Organizou logo contra, Rodrigues diz-nos êste—a maior companhia e de crédito que é possível imaginar-se, vindo dar a origem quasi total dos acontecimentos que o trouxeram à cadeia.

Este Engrácio orgulha-se de ter um parente que esmigalhou a cabeça do pai do nosso embaixador em Madrid. E' êste um capitulo que o Rodrigues prometeu contar-nos em minudências...

O Rodrigues falou-nos ainda com desvanecimento a maneira correcta como foi tratado no decorrer das investigações pelo hábil agente Rosado Paulitos, da P. L. C., o que não é de estranhar. Por mais de uma vez temos tido ensejo de tratar de assuntos de policia, e verificamos a correcção com que aquêlle funcionario policial, e outros tratam os presos que estão à sua guarda. Por mais duma vez, também, êle nos tem afirmado que, procedendo assim, proced: de harmonia com a sua maneira de ser e de harmonia com o exemplo dado pelos seus superiores.

Se bem que este homem tenha sido criminoso, pois está provado e êle mesmo confessou ao agente Paulitos, que hábilmente tem procedido ás investigações necessárias ao apuramento de toda a verdade, ter pago quasi todos os prejuizos dos seus negócios com o dinheiro que lhe não pertencia, a verdade é que, sem podermos pôr de parte a responsabilidade que lhe cabe pela sua talvez ingenuidade, doutra maneira não compreendemos que se deixasse ludibriar tanta vez—com que sempre agiu, a verdade é que iamoz dizendo, seria bom que quem de direito apurasse o que ha de verdade em todas as declarações do Rodrigues, de fórma a todos pagarem a cota parte da sua responsabilidade, no caso de se confirmar tudo quanto êle nos contou.

## Um quarto de hora com D. Marcel Alvear ex-(?) -presidente da Republica Argentina

(Conclusão da pagina 6)

nho. E bela memória a sua—porque veio directamente ao meu encontro... E após as saudações e evocações naturais—veiu a prevenção de-sanimadora.

—Como sabe—neguei-me sistematicamente a qualquer entrevista—e não posso, de forma alguma, abrir uma excepção que iria maguar os outros jornais, de q iem tambem sou amigo...

—O meu entusiasmo profissional não ou-saria suplicar-lhe sacrificio dêsse quilate—retorqui. Pretendo apenas que o *Reporter X* registre a sua passagem por Lisboa, num momento dos mais emocionantes da sua carreira politica—atravez das saudações que eu venha apresentar-lhe... O que eu disser nas minhas colunas será apenas impressões pessoais—e nunca uma entrevista—excepção...

Sorriu-se D. Marcel d'Alvear... Não é fácil vencer-se nem pela astúcia mais subtil—a muita e sábia experiência dos seus quâzi trinta anos de vida pública... Mas conversamos... conversamos. E o que se segue—fica o leitor prevenido—não pertence à entrevista... São apenas impressões pessoais.

... Se a Argentina é, pela força da lógica, uma nação sujeita aos mesmos fenomenos históricos, de todas as outras nações—forçoso se torna reconhecer-lhe uma diferença profunda, nos efeitos e nos remates desses fenomenos, consequente do capricho da sua organização social. Nêsse ponto a Argentina não só se destaca de todos os países distantes—como até das outras repúblicas visinhas. Em nenhuma das antigas colônias americanas da Espanha a composição química da raça se fez, como na Argentina. No México, por exemplo, predomina o sangue indio—e o indio mexicano era, como no Perú, a aristocracia das raças pimitivas do continente. Nos outros predominam os antigos... dominadores—os espanhóis. Na Argentina, embora a aparência seja ainda algo espanhola—a sua população oferece um tipo unico, amálgama de elites de todas as raças latinas. Em nenhum estado, o sentido da democracia é interpretado com maior pureza—do que na Argentina. O povo argentino fórma uma maquinaria perfeita, em todos os seus sentidos. E assim como nas artes, nas letras, no teatro, na industria, ao contrário do que sucede nos outros países americanos, ela se libertou de tutelas e influencias—socialmente vive de fórmulas absolutamente argentinas só adaptaveis a si propria.

Antes da revolução a Republica Democratica e Parlamentar era um *modelo argentino*—e o seu funcionamento não podia ser mais productivo! O que sucedeu—não foi resultante da má administração do governo de Irigoyen ou dos antecessores: foi um caso mórbido, um estrangeirismo; uma infeção contagiada por elementos argentinos de recente adaptação e que, por consequência, não estavam ainda bem integrados na rodagem social argentina. A sua victoria foi filha da surpresa da maioria—do que da adhesão dessa maioria. Os proprios chefes, arrastados para êla, por sugestões extranhas e por essa extranha anestesia da consciencia e da vontade, são os primeiros a reconhecerem o seu erro.

Para se ser justo é preciso dizer-se que o dinamo politico argentino, por muito excepcional e perfeito que fosse—acusára ultimamente certas «pannes» porque, na vida moderna, tudo é vertiginoso e exige metamorfoses mais frequentes. Pouco antes de estalar a revolução estudava-se na Argentina, a fórmula de modernisar, de actualizar, de reformar o seu motor politico, sem abdicar do seu nacionalismo original mas sem necessidade de meios violentos. A revolução, não só não apressou essa reforma—como a veiu atrazar. Mas como na Argentina a consciencia do cidadão é uma força—sobretudo pelo reconhecimento honrado que os que mandam tem de essa força—o regresso à normalidade será um facto dentro de mez e meio; e tudo indica que

será D. Marcel d'Alvear e os seus colaboradores, quem terá a missão historica de reatar as tradições democraticas argentinas e de modernisar o seu sistema politico. De todos os projectos de reforma, aquele que mereceu mais franca simpatia das elites—e da população em geral, é, precisamente, a de D. Marcel Alvear. O seu breve regresso à patria—não é expontaneo. Ele sabe que o aguardam com impaciencia; e mesmo em Lisboa, raro é o dia em que o telégrafo não o liga à impaciencia dos seus partidarios...

—Fica pois estabelecido que eu não falo de politica—diz-me D. Marcel.

—Em absoluto! V. Excelencia não me disse uma unica palavra sobre politica. Falêmos de outros assuntos... Gosta de Portugal? Muito? Já o sabia! A primeira vez que cá esteve foi...

—Foi ha 27 anos! Passei aqui os melhores anos da minha mocidade; e uma vez...

A nossa conversa, prossegue, amena e frivola durante mais dum quarto de hora; mas o que se disse nesse quarto de hora não te interessa a ti, leitor—sobretudo depois de eu te contar aquilo que... não se disse.

R. X.

## Homens & Factos do Dia

(Conclusão da pag. 3)

*Póde-se conseguir o imperio maximo, e maxima disciplina dos povos—mas nunca a tirania do coração humano e todas as leis por mais sabias, que sejam, que partirem dêsse falso principio serão como os filhos de certos paes, modelos de saude fisica e moral: inexplicaveis aleijões...*

REPORTER X.

## Carta aberta a Estevam Amarante

mesmo objectivo. E não se contenta em disciplinar-se dentro destes principios rigidos de trabalho: obriga os outros a imitá-lo, a agirem em ritmo com o seu esforço... Eu calculo bem as más vontades que isso lhe deve ter custado! Um país de indisciplinados como o nosso—todos os disciplinadores são, pelo menos, émulo de César.

Muitas pedras lhe hão-de atirar—aqueles que tem teem telhados de vidros! Uma dessas pedradas—conheço-a eu! E' que em Portugal, não se contentam em espriear a vida intima dos individuos em evidencia—pela curiosidade natural e infantil de *videlantes*: bisbilhotando as almas e os lares, tomam o ar conselheiral de tutores, de juizes da consciencia alheia—criticando ou lamentando os actos intimos dos actores como se fossem actos de uma peça que estivessem a vêr... pagando o seu logar. Ora se entre nós abundam os borlistas nos espectaculos de porta aberta—não creio que algum tenha comprado bilhete para se permitir o direito de valorisar a sua obra de artista pelas suas resoluções de homem... livre! E mesmo assim—deixe-os falar! Aqueles que mais falam no seu caso não procederam nem com a sua coherencia nem com a sua lógica...

E basta—visto que a sua vida intima não está incluída no nosso reportorio. Arações do

R. X.

## FALTA DE ESPAÇO

**Motivado pela falta de espaço com que vimos lutando, fomos obrigados a retirar mais uma vez «A Historia da Medicina» que publicaremos no proximo numero. Que os leitores nos desculpem.**



Modelo n.º 40  
**R** Calhariz (Lisboa)  
N.º 37239  
PORTUGAL

**DEPURATOL**  
SOBERANO  
REMÉDIO DA  
**SIFILIS**

**TUBO  
10\$00**

Aprovado  
no estrangeiro  
por Juntas de Saúde  
Registado em numerosos paizes

**Sem dieta  
nem resguardo** #